



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Coordenação de Psicologia

**A Utilização da técnica Projetiva HTP como Ferramenta de Investigação
Psicológica em Casos de Abuso Sexual Infantil**

The Use of Projective technique HTP as a Tool for Psychological Investigation in
Cases of Child Sexual Abuse

Fredson Vitorino de Lima
Luiz Mauro Bastos Filho
Prof.^a Dr.^a. Katya Alexandrina Matos Barreto Mota

Goiânia, 2025.

Resumo

O presente estudo realizou uma análise sobre o abuso sexual infantil, uma grave violação dos direitos humanos que provoca impactos profundos e duradouros no desenvolvimento emocional, psicológico, cognitivo e social das vítimas, rompendo a sensação de segurança própria da infância e gerando sentimentos de medo, culpa e vergonha que dificultam tanto a denúncia quanto o reconhecimento da violência, especialmente quando o agressor pertence ao círculo de confiança da criança. A metodologia adotada foi qualitativa, utilizando o método monográfico baseado em uma análise sistemática e interpretativa de materiais já publicados (revisão bibliográfica). O estudo teve como objetivo central examinar a utilização da técnica projetiva House-Tree-Person (HTP) como ferramenta de investigação psicológica em situações de suspeita ou confirmação de abuso sexual infantil. Os resultados indicam que os desenhos infantis, enquanto técnica projetiva, podem servir como instrumento auxiliar na identificação e expressão das vivências de violência, contribuindo para o aprimoramento das práticas psicológicas no âmbito da Psicologia Clínica e da proteção à infância. O trabalho concluiu que é essencial fortalecer o uso de estratégias projetivas como recurso complementar na avaliação infantil, valorizando práticas clínicas que favoreçam a expressão simbólica, a escuta qualificada e a proteção integral, promovendo intervenções que ampliem a autonomia e o cuidado da criança diante das situações de violência.

Palavras-chave: abuso sexual infantil, técnicas projetivas, técnica HTP, Psicologia Clínica

Abstract

This work conducted an analysis of child sexual abuse, a severe violation of human rights that produces profound and long-lasting impacts on the emotional, psychological, cognitive, and social development of victims. Such experiences disrupt the sense of safety inherent to childhood, generating feelings of fear, guilt, and shame that hinder both disclosure and recognition of the violence, especially when the perpetrator belongs to the child's circle of trust. The methodology adopted was qualitative, using the monographic method based on a systematic and interpretative analysis of previously published materials (literature review). The central objective of the study was to examine the use of the projective technique House-Tree-Person (HTP) as a psychological investigation tool in situations of suspected or confirmed child sexual abuse. The results indicate that children's drawings, as a projective technique, can serve as an auxiliary instrument for identifying and expressing experiences of violence, contributing to the improvement of psychological practices within Clinical Psychology and child protection contexts. The study concluded that it is essential to strengthen the use of projective strategies as complementary resources in child assessment, valuing clinical practices that promote symbolic expression, qualified listening, and comprehensive protection, fostering interventions that enhance the child's autonomy and care in situations of violence.

Keywords: child sexual abuse, projective techniques, HTP test, Clinical Psychology

O Abuso Sexual Infantil (ASI) é um fenômeno de extrema complexidade, que pode ser entendido como uma das mais graves formas de violação de direitos humanos e exige uma abordagem multidisciplinar (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2020). Há um agravamento no impacto da violência quando ela ocorre no seio familiar, sobretudo se após a revelação a criança for desmentida e/ou não forem tomadas providências para interromper a violência (Almeida-Prado, 2018; Almeida-Prado & Pereira, 2008; Fuks, 2010). Isso posto, são urgentes intervenções terapêuticas e judiciais com a finalidade de cessar o abuso e tratar a criança e sua família.

Observa-se que os agressores costumam ser familiares e pessoas próximas, tais como padrastos, tios, pais ou avôs, indivíduos afetivamente próximos. A permanência prolongada do abusador com a vítima, a ausência de comunicação, o segredo e a inversão de papéis no ambiente familiar são fatores que favorecem o abuso (Azevedo; Alvez; Tavares, 2018).

Conforme Habigzang (2005) o abuso sexual contra crianças e adolescentes é considerado um grave problema de saúde pública, devido à elevada incidência e às sérias consequências para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da vítima e de seus familiares. Essa forma de violência envolve qualquer contato ou interação entre criança ou adolescente e alguém em estágio psicosssexual mais avançado, no qual o menor é utilizado para a estimulação sexual do perpetrador. A interação pode incluir toques, carícias, sexo oral ou relações com penetração (digital, genital ou anal). O abuso também abrange situações sem contato físico, como voyeurismo (observação do ato sexual em busca de prazer), assédio e exibicionismo (exibição das partes íntimas para terceiros). Segundo Habigzang (2005), dependendo do contexto, o abuso pode ser categorizado de formas distintas. Fora do ambiente familiar, pode ocorrer em contextos de exploração e pornografia infantil. No entanto, a maioria dos casos

acontece dentro de casa e é perpetrada por pessoas próximas que exercem papel de cuidador. Nesses casos, a violência é classificada como intrafamiliar ou incestuosa.

A ingenuidade infantil impede a percepção clara da violência. Quando há vínculo afetivo com o agressor, a confiança depositada facilita os abusos (Rezende, 2013). As consequências do abuso podem se manifestar de forma consciente ou inconsciente na vida adulta, provocando sérios danos à saúde mental e social da vítima, especialmente quando não houve acolhimento adequado (Tirabassi; Andrade; Franco, 2022).

Não obstante a gravidade dos casos, o psicólogo na interface com a justiça estará às voltas com as características intrínsecas ao contexto jurídico. Como exemplos, dilemas éticos que envolvem violação de direitos humanos, relações fortemente pautadas em hierarquia, ritos e a linguagem própria dos operadores jurídicos. À vista disso, o psicólogo deverá lançar mão do seu conhecimento teórico-técnico e possuir ética e discernimento crítico para analisar as demandas jurídicas, reconhecer os limites do alcance da ciência psicológica com vistas a auxiliar a tomada de decisão dos operadores jurídicos (Cunha, 2024)

A prática avaliativa é fundamental para o psicólogo independentemente do contexto de atuação, pois previamente a qualquer intervenção psicológica é necessária uma análise do indivíduo ou de um grupo, os testes psicológicos são considerados instrumentos fundamentais para a prática da psicologia científica, especialmente nos processos de avaliação e diagnóstico (Silva & Cunha, 2001). Dentro desse conjunto, os testes projetivos se destacam pela possibilidade de acessar conteúdos inconscientes e aspectos simbólicos da personalidade que dificilmente seriam captados por técnicas mais objetivas (Soares & Mello, 2010). Apesar das críticas relacionadas à subjetividade e à dificuldade de padronização, essas técnicas permanecem amplamente utilizadas e sustentadas por teorias consolidadas, em especial de orientação psicanalítica (Soares & Mello, 2010). Segundo Cunha (2000), as técnicas projetivas se fundamentam na premissa de que, diante de estímulos ambíguos, o indivíduo projeta

conteúdos internos que, muitas vezes, não são acessíveis por métodos diretos. Nesse artigo iremos considerar a técnica projetiva do House, Tree, Person (HTP), a escolha se deu pela validação da técnica disponível no SATESPSI e validado como método investigativo.

Desenhos são ricos e complexos e, portanto, difíceis de categorizar em categorias quantitativas específicas. Além disso, desenhos se prestam mais a interpretações globais e qualitativas (Van Hutton, 1994). Como consequência, a literatura evidencia a falta de procedimentos objetivos de pontuação. Desenhos de figuras humanas, por exemplo, podem refletir atitudes e valores reforçados em uma determinada sociedade e cultura, em vez de traumas associados ao abuso sexual (Koppitz, 1984).

A pesquisa sobre desenhos projetivos tem sido, em geral, de baixa qualidade, o que tem impedido qualquer declaração conclusiva sobre sua validade clínica (Van Hutton, 1994). Vários estudos tentaram estabelecer a eficácia, confiabilidade e validade dos desenhos projetivos na diferenciação entre desenhos de crianças sexualmente abusadas e aqueles de crianças emocionalmente perturbadas sem histórico de abuso sexual (Cohen & Phelps, 1985; Koppitz, 1966a; Sidun, Rosenthal & Rosenthal, 1987; Yates, Beutler & Crago, 1985). Outros usaram crianças em amostras controle, sem problemas médicos ou psicológicos relatados, assumindo-se que não haviam sido abusadas sexualmente (Feher, Vandecreek & Teglassi, 1983; Hibbard & Hartman, 1990; Hibbard, Roghmann & Hoekelman, 1987; Lingren, 1971).

Questões de confiabilidade e validade tornam-se fatores comuns e custosos nesses estudos. Tais questões incluem baixa confiabilidade em retestes devido à ampla variabilidade entre desenhos (Hammer & Kaplan, 1966), baixa confiabilidade entre avaliadores (Cohen & Phelps, 1985; King, 1960) e validade baixa ou limitada (Hibbard & Hartman, 1990; Koppitz, 1966a, 1966b, 1984; Lingren, 1971; Prytula & Thompson, 1973; Sidun et al., 1987). Alguns estudos publicam estatísticas inadequadas ou não relatam de forma adequada os métodos

estatísticos (Elin & Nucho, 1979), enquanto outros associam os objetivos da pesquisa a critérios vagos (King, 1960).

Limitações relacionadas aos grupos amostrais incluem o uso de amostras pequenas, que tornam diferenças estatisticamente significativas sem relevância prática (Kelley, 1984), o uso de amostras não selecionadas aleatoriamente, podendo, portanto, ser viesadas (Neale, Rosal & Rosal, 1993), e a apresentação de descrições limitadas das amostras, sem citar aspectos educacionais, econômicos e religiosos (Black, 1976). Além disso, os desenhos de pesquisa frequentemente são mal descritos, resultando em um baixo número de estudos de replicação para estabelecer a confiabilidade e validade das técnicas de desenho projetivo previamente estudadas (Neale et al., 1993).

É importante revisitar as expectativas sobre instrumentos de avaliação. Uma avaliação eficaz precisa ser **válida e confiável**. A confiabilidade refere-se à capacidade de uma medida de fornecer resultados consistentes, estáveis e replicáveis resultados (Walsh & Betz, 1995). A **validade** de uma medida refere-se à extensão em que um teste realmente mede a característica ou função alvo.

A literatura mencionada é apresentada como base para esta investigação exploratória e, portanto, nenhuma hipótese **a priori** foi assumida. Dada a importância crítica de produzir avaliações objetivas e clinicamente válidas em casos de abuso sexual infantil, as contribuições de cada instrumento de avaliação devem ser **empiricamente** fundamentadas. Em suma, devido a importância do tema, o presente estudo é um **estudo qualitativo**, que busca investigar a validade clínica dos desenhos (HTP) na avaliação psicológica de abuso sexual infantil.

Metodologia

Foi realizado um estudo de revisão bibliográfica, o qual consiste na análise de publicações já existentes sobre um tema, permitindo a síntese e a organização do conhecimento na área. Esse método é essencial para identificar avanços, debates e lacunas teóricas, servindo

como base para novas pesquisas (Gil, 2019). Segundo Lakatos e Marconi (2020), a revisão bibliográfica proporciona um embasamento teórico sólido, possibilitando ao pesquisador uma visão crítica e aprofundada do assunto.

Na pesquisa bibliográfica, foram analisadas bases de dados científicas, tais como: SCIELO (Scientific Eletronic Library), BVS (Biblioteca

Virtual em Saúde) e PEPSIC (Rede de Periódicos da Psicologia), partindo dos descritores “House-Tree-Person; Abuso Sexual; Técnicas Projetivas”, todos indexados no sistema de Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) e conectados por operadores booleanos, tornando possível encontrar estudos mais específicos da temática desejada.

Os critérios de inclusão foram: estudos publicados nas bases de dados selecionadas; pesquisas que abordassem o tema do abuso sexual infantil; estudos nos quais a técnica HTP foi aplicada e apresentassem resultados; materiais disponíveis em português e inglês, incluindo artigos, capítulos de livros, teses e dissertações; e estudos de abuso que envolvessem participantes na faixa etária de 9 a 13 anos.

Os critérios de exclusão foram: estudos duplicados; publicações em língua estrangeira exceto inglês; inadequação temática em relação ao presente trabalho; revisões bibliográficas; artigos incompletos; estudos que apresentassem técnicas projetivas diferentes do HTP; e pesquisas que abordassem casos de abuso envolvendo os agressores.

Dessa forma, o processo de seleção e extração dos dados ocorreu em quatro fases: **Mapeamento, Triagem, Qualificação e Integração. Na primeira fase (Mapeamento)** foi realizada a busca dos estudos nas fontes de dados escolhidas e verificou-se quais eram duplicados para serem removidos; **na segunda fase (Triagem)** foi feita a leitura dos títulos e resumos dos artigos e foram aplicados os critérios de exclusão; **na terceira fase (Qualificação)** foi realizada a busca manual e leitura dos artigos na íntegra, com a seleção daqueles que atenderam a todos os critérios de inclusão; **na quarta fase (Integração)** foi construída uma

tabela com identificação, objetivos, método, resultados e conclusões com posterior síntese qualitativa dos estudos finais selecionados.

Tabela 1

Estratégia de Busca

Base de Dados	Descritores	Resultados
SCIELO	House-Tree-Person; Abuso Sexual; Técnicas Projetivas	5
BVS		5
PEPSIC		4
Total		14

No total foram encontrados nas bases de dados 14 artigos que demonstraram compatibilidade com os descritores pela busca avançada. Desses trabalhos, 5 artigos foram encontrados no SCIELO, 5 na BVS e 4 na PEPSIC. Os artigos foram filtrados pelas especificidades oferecidas pelo sistema de pesquisa das bases, sendo selecionados apenas aqueles que entraram nos critérios de inclusão pré-estabelecidos.

Desses, 5 artigos foram encontrados na base SCIELO, 5 na BVS e 4 na PEPSIC. Por se tratar de um tema já abordado em alguns desses estudos, não foi necessária uma filtragem extensiva, como a exclusão de publicações muito antigas. Os artigos foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão previamente estabelecidos, sendo excluídos apenas aqueles que se enquadravam nos critérios de exclusão, como duplicidades, sobreposição de dados ou inadequação temática.

Tabela 2

Síntese Descritiva dos Estudos Incluídos

Título do Artigo	Autores e Ano de Publicação	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
1. Abuso Sexual: Um trajeto da fantasia ao real	Malgarim, B. G. (2009)	Compreender e interpretar as representações objetais e o impacto do abuso sexual em pré-adolescentes, a partir da psicanálise.	Estudo de casos com 2 meninas (10 e 13 anos) encaminhadas por suspeita de abuso sexual. Utilizou HTP, Rorschach, entrevistas e hora de jogo diagnóstica.	Identificou impacto traumático no desenvolvimento psíquico, dificuldades de identidade e simbolização, além de alterações em vínculos afetivos.	O abuso sexual interfere significativamente na estruturação psíquica. Técnicas projetivas mostraram-se relevantes para compreender o trauma.
2. Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar	Silva, T. M. M. (2021)	Investigar as implicações biopsicossociais e o funcionamento psíquico de crianças que testemunharam violência intrafamiliar (Os pais eram usuários de drogas e costumavam se agredir com frequência).	Estudo clínico-qualitativo com 2 crianças (9 e 10 anos) institucionalizadas. Utilizou HTP e análise de casos múltiplos.	A violência e a institucionalização afetaram diretamente a vida das crianças, gerando dificuldades de comunicação, insegurança, agressividade, ansiedade e solidão.	O HTP foi sensível para identificar aspectos psicodinâmicos. Os achados reforçam a importância de intervenções públicas para apoiar crianças testemunhas de violência.
3. Uma investigação do uso clínico dos desenhos projetivos Casa-Árvore-Pessoa na avaliação psicológica do abuso sexual infantil	Palmer, V. G. P. D (2000)	Explorar a utilização clínica do HTP na avaliação psicológica de abuso sexual infantil.	Estudo teórico e empírico analisando protocolos de HTP em casos suspeitos de abuso sexual.	O HTP mostrou indicadores característicos em crianças vítimas de abuso, como representações corporais distorcidas, omissão de olhos, figuras rígidas e dificuldades de simbolização.	O HTP pode auxiliar na compreensão do impacto do abuso, mas deve ser utilizado em conjunto com outras técnicas diagnósticas.

4. Considerações sobre o Uso do Teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP	Borsa, J. C. (2010).	Apresentar considerações críticas e técnicas sobre o uso, validade, fidedignidade e interpretação do HTP no contexto da avaliação psicológica no Brasil.	Trata-se de uma Nota Técnica baseada em revisão de literatura, análise das normas do Conselho Federal de Psicologia (SATEPSI) e análise crítica do manual e protocolos do teste HTP.	O HTP é o único teste gráfico projetivo aprovado no Brasil, mas sua validade e fidedignidade são questionadas. O protocolo é criticado por ser reducionista e patologizante, carecendo de dados de pesquisa nacionais. Recomenda-se a análise global do desenho.	O HTP não deve ser usado como diagnóstico isolado. Possui validade clínica para complementar dados de outras fontes. Seu uso exige cautela, integração de dados e formação adequada do psicólogo.
---	-----------------------------	---	---	---	--

O primeiro estudo “**Abuso Sexual: Um trajeto da fantasia ao real**” de Malgarim (2009) é uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O objetivo central da pesquisa foi investigar como o abuso sexual infantil impacta a dinâmica das representações psíquicas em pré-adolescentes. O estudo buscou explorar a percepção das crianças sobre si mesmas e seu entorno, além de identificar possíveis sinais de trauma psíquico decorrentes da vivência do abuso. A pesquisa possuiu uma abordagem qualitativa e foi estruturada como um estudo de caso com foco na investigação profunda da estrutura e do funcionamento da personalidade. Utilizou-se de instrumentos projetivos, com destaque para o HTP (House-Tree-Person - Casa-Árvore-Pessoa), como ferramenta principal para coletar dados e realizar a análise. A amostra consistiu em duas participantes do sexo feminino, com 10 e 13 anos, respectivamente, que foram encaminhadas por suspeita de abuso sexual.

A aplicação dos instrumentos projetivos, em especial o HTP, permitiu realizar uma investigação aprofundada da estrutura da personalidade das pré-adolescentes e indicar pontos comuns a respeito de situações traumáticas. No caso da participante 1 de 10 anos,

foram observados pontos em comum com desenhos de crianças que sofreram abuso sexual. Notavelmente, identificou-se a presença de figuras fálicas nos desenhos, um achado interpretado como indicativo de um controle precário de impulsos. No caso da 2ª participante de 13 anos, O material projetivo revelou traços de obsessividade, que foram associados a altos níveis de ansiedade e uma busca por controle. Adicionalmente, foi detectado um conflito significativo na área sexual, o qual estava indicado nas figuras da Casa e da Pessoa elaboradas na técnica.

Por fim, foi possível constatar a precariedade das figuras parentais internalizadas pelas participantes, o que se manifestou em uma clara dificuldade na identificação com essas figuras. A pesquisa também identificou a presença de conteúdos ansiogênicos e um empobrecimento da capacidade para manter relações interpessoais. Esses elementos reforçam o impacto destruturador do abuso sexual na dinâmica psíquica e nas relações interpessoais das pré-adolescentes.

O segundo estudo “**Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar**” de Silva, T.M.M (2021) é uma dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), O objetivo principal do estudo foi compreender as implicações biopsicossociais e as consequências psicológicas da violência testemunhal intrafamiliar. A pesquisa configurou-se como um estudo clínico-qualitativo baseado em um estudo de caso múltiplo, com dois participantes (menino e menina) de 9 e 10 anos de idade, que estavam em situação de acolhimento institucional na cidade de São Paulo com histórico de violência intrafamiliar.

Os dados encontrados, decorrentes da análise do HTP em associação com outros estudos, apontaram que a situação de violência presenciada e o fato de estarem institucionalizados afetaram diretamente a vida das crianças. A técnica HTP mostrou-se sensível para identificar os aspectos psicodinâmicos das crianças que vivenciaram a

experiência do testemunho da violência intrafamiliar, apresentando resultados significativos.

As semelhanças encontradas nos participantes indicaram que o trauma da exposição sofrida pode influenciar negativamente as crianças, manifestando-se em: Dificuldade de comunicação e nas interações interpessoais, Insegurança quanto à autoimagem e sentimentos de inferioridade e impotência, Agressividade e dificuldade no controle dos impulsos, Sentimento de incerteza, temor e dependência emocional, Negativismo, rigidez e ansiedade no contato com o ambiente, além de tensão e agressividade no contato com o outro e Sentimento de solidão e imaturidade.

Os desenhos do participante de 9 anos revelaram fragilidades no ego devido a presença de linhas leves e trêmulas, também foi apresentado problemas na estrutura dos desenhos como por exemplo a figura humana sem roupas e pés representando a falta de equilíbrio. Outros temas como dependência nas relações interpessoais e dependência nas relações com o ambiente foram observados nos desenhos através de ausência de pés e apoio na borda do desenho, com relação a dificuldade nas relações interpessoais, agressividade e controle de impulsos foram aspectos observados nos desenhos como janela nua na casa e ausência de galhos na árvores indicando falta de contato com outrem e a ausência de pescoço na figura humana indicando tensão e agressividade nas relações interpessoais e falta no controle de impulsos.

Acerca da Análise dos desenho de Orvalho, nome fictício dado ao participante masculino, As figuras são classificadas como imaturas e indicam grandes dificuldades de organização, tanto na representação gráfica quanto na estrutura da personalidade. Na figura da Pessoa, destacam-se a ausência de feições no rosto, de pés e de mãos, além do desequilíbrio da figura. O traçado é descrito como leve e trêmulo (linhas leves e tremulas), sugerindo fragilidade do ego sem o uso de defesas compensatórias. A figura é grotesca (sem

roupas) e a falta de pés, assim como o ato de apoiar o desenho na borda da folha, ressalta a falta de equilíbrio e um indício de dependência das relações interpessoais e dependência emocional do ambiente. A presença de excesso de linhas retas, braços retos e pernas de tamanho diferente indicam conflito, regressão, sentimentos de inadequação e inferioridade, com uma tendência ao retraimento que resulta em rigidez na capacidade de ação/movimento e intransigência. A figura desenhada nua aponta para a consciência de conflitos sexuais.

Na produção da Casa e da Árvore, os indícios de dificuldades nas relações e de um funcionamento psíquico confuso persistem. A janela nua na casa e a ausência de galhos na árvore sugerem dificuldade e pouco tato nas relações. A ausência de pescoço é interpretada como um tênue controle intelectual sobre os impulsos, e a representação primitiva dos dedos, juntamente com o predomínio de pensamentos confusos na produção da árvore, demonstra inabilidade de interagir com o mundo externo e em obter satisfação com o ambiente. A ansiedade se manifesta no traçado confuso do telhado, revelando também sentimento de impotência e pensamentos confusos. A copa da árvore, com seus rabiscos, revela extrema confusão e excesso de imaginação (copa da árvore), enquanto marcas no tronco são interpretadas como eventos traumáticos. Por fim, a produção evidencia problemas sérios na copa e na raiz (aspectos estruturais), complementando o quadro de insegurança, falta de confiança na própria capacidade e sentimento de inadequação social e intelectual de Orvalho.

A produção gráfica de Luz, nome fictício dado à participante feminina, está adequada à idade, indicando bom controle motor, inteligência satisfatória e capacidade de adaptação. Contudo, surgem sinais de resistência ao contato social (janelas fechadas; desenhos com apenas o essencial; casa incompleta). Embora demonstre flexibilidade e organização, Luz apresenta rigidez, dificuldade de agir e limitações na formação de vínculos (mãos para trás). Os desenhos revelam insegurança, inadequação e retraimento

(tamanho reduzido da figura; raízes aéreas), bem como dependência interpessoal para sustentar o ego (desenho apoiado na margem; porta apoiada na linha da parede). Há também dificuldade de expressão e atitude defensiva (janela protegida e fechada), aumentando sua ansiedade nas interações. Um detalhe significativo é a cicatriz no tronco da árvore, sugerindo possível período de fragilidade egóica ou eventos traumáticos. Já o desenho da pessoa, rico em detalhes apropriados, indica atenção, vaidade, emotividade e forte presença de fantasia (cabeça grande), além de interesse pela sexualidade compatível com o início da adolescência.

Por fim, os objetivos do estudo foram atingidos, confirmando que a violência intrafamiliar tem efeitos desastrosos em todos os membros da família, incluindo os filhos que apenas a testemunham. Verificou-se que o HTP é um instrumento eficaz e atraente para as crianças, sendo sensível na identificação dos aspectos psicodinâmicos de crianças testemunhas de violência. Os resultados obtidos em cada caso possibilitaram a otimização de intervenções em saúde pública que favoreçam o cuidado e o acompanhamento dessas crianças, visando seu desenvolvimento adequado.

O terceiro estudo **“An Investigation of the Clinical Use of the House-Tree-Person Projective Drawings in the Psychological Evaluation of Child Sexual Abuse”** de Palmer, V. G. P. D (2000) investiga a aplicação clínica da técnica projetiva House-Tree-Person (HTP) na avaliação psicológica de crianças vítimas de abuso sexual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na análise de casos clínicos e forenses, com o objetivo de identificar indicadores gráficos e simbólicos presentes nos desenhos de crianças com histórico de violência sexual. O HTP, composto pelos desenhos da casa, da árvore e da pessoa, foi utilizado como meio de expressão simbólica dos conteúdos inconscientes, possibilitando a manifestação de conflitos internos, insegurança e medo. Nos resultados, observou-se que as casas frequentemente apareciam isoladas ou danificadas, indicando sentimentos de desproteção; as

árvores eram frágeis, sem raízes ou com galhos quebrados, refletindo instabilidade emocional; e as figuras humanas surgiam com omissões corporais e expressões ambíguas, sugerindo vergonha, culpa e dificuldades na autoimagem.

Os autores destacam que o HTP não deve ser utilizado isoladamente como instrumento diagnóstico, mas como ferramenta complementar dentro de um processo avaliativo mais amplo, que envolva entrevistas clínicas e outros testes projetivos. O estudo conclui que o HTP se mostrou útil para acessar conteúdos emocionais ligados ao trauma, favorecendo a compreensão simbólica das experiências vividas por crianças vítimas de abuso sexual. Assim, o HTP se apresenta como um recurso valioso para a compreensão e acolhimento do sofrimento psíquico infantil, auxiliando o profissional na identificação de indicadores traumáticos e na elaboração de intervenções mais sensíveis e éticas.

O quarto estudo “**Considerações sobre o Uso do Teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP**” de Borsa, J. C. (2010). é uma análise e discussão crítica fundamentada em uma revisão de literatura sobre técnicas projetivas gráficas, como o HTP, e sua regulamentação no Brasil. O artigo discute as perspectivas de avaliação (cognitiva e projetiva) e avalia o status do HTP frente à Resolução nº 02/2003 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a aprovação pelo Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI).

O HTP é reconhecido como uma técnica gráfico projetiva aprovada para uso no contexto profissional da avaliação psicológica no Brasil, sendo uma das técnicas mais utilizadas e ensinadas devido ao baixo custo e facilidade de sua aplicação. Apesar de sua popularidade, o HTP é amplamente questionado no que se refere à validade e fidedignidade, sendo, por vezes, considerado um instrumento baseado no senso comum que leva a conclusões arbitrárias e subjetivas. O HTP estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito, partindo da premissa de que o desenho é uma manifestação de aspectos inconscientes da personalidade. A validade do HTP é entendida

como validade clínica, que enfatiza o significado singular dos indicadores para o sujeito em seu contexto específico, e não em seu desempenho relativo a grupos pré-estabelecidos. O artigo conclui que o HTP, por seu caráter idiossincrático, possui valor como instrumento de avaliação, mas apresenta limitações significativas. O HTP não deve ser considerado como instrumento único em um processo diagnóstico. Recomenda-se que as informações do protocolo sejam usadas apenas como um guia de orientação e sejam combinadas com a história clínica do indivíduo e dados oriundos de outras fontes (como entrevistas e instrumentos padronizados).

Resultados e Discussões

Os estudos selecionados foram utilizados com o propósito de responder ao objetivo geral desta pesquisa, que buscou investigar a validade clínica da técnica projetiva House-Tree-Person (HTP) na avaliação psicológica de crianças em contexto de abuso sexual e violência. A análise dos quatro estudos incluídos — Malgarim (2009), Silva (2021), Palmer et al. (2000) e Borsa (2010) — possibilitou identificar padrões nas produções gráficas, bem como compreender o papel do HTP como recurso clínico complementar na compreensão do sofrimento psíquico infantil.

Através da leitura dos resultados apresentados, observou-se que os desenhos elaborados pelas crianças frequentemente apresentaram indicadores formais e simbólicos associados a experiências traumáticas e a alterações emocionais significativas. Entre os elementos mais recorrentes destacam-se a omissão ou redução dos olhos, figuras humanas sem pés ou com pernas juntas e pressionadas, árvores com conotações fálicas ou copas desproporcionais, e comprometimento geral da estrutura figurativa. Malgarim (2009) identificou, por exemplo, a presença de figuras fálicas indicando controle precário de impulsos e conflitos na área sexual indicados nas figuras da casa e da pessoa. Já Palmer et al. (2000) investigaram itens específicos como omissão de mãos, pernas desenhadas com linhas esboçadas e ênfase em chaminés,

embora tenham alertado para a dificuldade de estes itens, isoladamente, discriminarem grupos clínicos de não clínicos. Silva (2021), por sua vez, observou que os desenhos revelaram sentimentos de inferioridade, insegurança e rigidez, interpretando a ausência de elementos (como pés) como indícios de dependência emocional e falta de equilíbrio.

A análise qualitativa dos protocolos evidenciou a presença de temáticas psicodinâmicas recorrentes, tais como ansiedade, busca por controle e empobrecimento da capacidade de identificação com figuras parentais. Borsa (2010) corrobora a utilidade dessa análise ao afirmar que o HTP estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito, proporcionando uma compreensão dinâmica do funcionamento do indivíduo. Borsa (2010) argumenta que a análise global dos elementos dos desenhos tem-se apresentado mais apropriada para a compreensão das características gerais da personalidade do que a análise simplista de "item por item". Assim, o HTP mostrou-se um instrumento sensível para favorecer a expressão simbólica, permitindo acesso a conteúdos que dificilmente seriam verbalizados, como observado nos casos de embotamento afetivo descritos por Silva (2021).

Entretanto, os estudos convergem ao afirmar que tais indicadores gráficos não devem ser interpretados de forma isolada ou considerados como provas conclusivas de abuso. Palmer et al. (2000) demonstraram que um escore total do HTP não foi capaz de prever o pertencimento ao grupo de vítimas de abuso, sugerindo que o HTP não deve ser usado unicamente para confirmar o histórico de violência na ausência de outros suportes rigorosos. Nesse sentido, Borsa (2010) reforça que o HTP não deve ser considerado como instrumento único em um processo diagnóstico. A autora destaca que as informações oriundas do protocolo não devem ser analisadas isoladamente, mas sim combinadas com a história clínica do indivíduo e dados de outras fontes, como entrevistas e instrumentos padronizados.

No que se refere às limitações metodológicas, constatou-se que parte dos estudos apresenta amostras reduzidas e desafios na padronização. Borsa (2010) aponta que o HTP é uma das técnicas mais questionadas no que se refere à validade e fidedignidade, muitas vezes sendo criticado por levar a conclusões subjetivas se não for bem manejado. Além disso, ressalta que o manual brasileiro carece de dados de pesquisas locais, configurando-se muitas vezes como uma tradução de material estrangeiro, o que exige cautela do psicólogo.

Em termos de aplicabilidade prática, os resultados demonstram que o HTP pode ser um recurso útil na identificação de indícios de sofrimento psíquico e na compreensão da dinâmica emocional. O instrumento favorece o engajamento infantil, sendo descrito por Silva (2021) como atraente e estimulante para as crianças. Borsa (2010) sugere que o uso do HTP é recomendado para a indicação de caminhos no processo de investigação, discriminando características bizarras e servindo como complemento para corroborar informações adicionais. A "validade clínica" do instrumento, segundo Borsa (2010), enfatiza o significado singular dos indicadores para o sujeito em seu contexto específico, o que é fundamental na clínica de casos de violência.

Em síntese, esse estudo reafirma o potencial do HTP como instrumento sensível para acessar conteúdos simbólicos relacionados ao sofrimento psíquico de crianças expostas a experiências de abuso. Contudo, sua eficácia depende do uso ético e criterioso. Conforme orienta Borsa (2010), o significado da informação obtida fundamenta-se não no desempenho do indivíduo relativo a grupos, mas em seu próprio desempenho e contexto de vida. Dessa forma, o HTP deve ser reconhecido como um recurso de apoio à compreensão da subjetividade infantil, preservando a responsabilidade técnica do psicólogo diante da complexidade do diagnóstico de abuso.

Considerações Finais

A análise realizada demonstrou que a técnica projetiva House-Tree-Person (HTP) constitui um instrumento de grande relevância clínica na avaliação psicológica de crianças vítimas de abuso sexual, por sua capacidade de acessar conteúdos simbólicos e emocionais não verbalizados, essenciais para compreender o sofrimento psíquico infantil (Malgarim, 2009; Silva, 2021). No entanto, é imperativo que o HTP não seja utilizado como única ferramenta diagnóstica, visto que seus indicadores gráficos isolados carecem de validade empírica conclusiva e não possuem poder preditivo suficiente para comprovar o abuso (Palmer et al., 2000). As produções devem ser interpretadas dentro de um contexto clínico ampliado, integradas a outros instrumentos e procedimentos avaliativos, reconhecendo que a validade do HTP é clínica e singular ao sujeito (Borsa, 2010). É crucial uma postura ética e criteriosa dos profissionais, focando na compreensão dinâmica da personalidade e evitando interpretações reducionistas. Por fim, há uma necessidade evidente de ampliar os estudos empíricos sobre o HTP, com maior rigor metodológico e pesquisas locais, a fim de consolidar sua confiabilidade e validade. Utilizado de maneira ética e contextualizada, o HTP é um instrumento complementar valioso para a escuta e o cuidado integral da criança.

Referências

- Almeida-Prado, M. C. C. (2018). A mãe má: do filicídio ao matricídio psíquico. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 44–56.
- Almeida-Prado, M. C. C., & Pereira, A. C. (2008). *Violências sexuais: Incesto, estupro e negligência familiar*. *Revista da SPAGESP*, 9(1), 73–82.
- Azevedo, M. B., Alves, M. S., & Tavares, J. R. F. (2018). *Abuso sexual intrafamiliar em adolescentes e suas reflexões*. *Psicologia para América Latina*, (30), 7–25.
- Black, F. W. (1976). The size of human figure drawings of learning-disabled children. *Journal of Clinical Psychology*, 32(3), 635–639.
- Borsa, J. C. (2010). Considerações sobre o uso do teste da Casa-Árvore-Pessoa - HTP. *Avaliação Psicológica*, 9(1), 151–154.
- Cohen, F. W., & Phelps, R. E. (1985). Incest markers in children's artwork. *The Arts in Psychotherapy*, 12(1), 85–95.
- Conselho Federal de Psicologia. (2020). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na rede de proteção às crianças e adolescentes em situação de violência sexual* (Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – CREPOP). Brasília, DF: CFP. <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-na-rede-de-protecao-ascrianças-e-adolescentes-em-situacao-de-violencia-sexual/>
- Cunha, A. C. (2000). *Testes psicológicos e técnicas projetivas*. Vetor Editora.

Cunha, R. V. D. (2024). Práticas de avaliação psicológica em suspeitas de abuso sexual infantil intrafamiliar no contexto do judiciário do estado do Rio de Janeiro. *Psicologia USP*, 35, e220089.

Elin, N., & Nucho, A. O. (1979). The use of kinetic family drawing as a diagnostic tool in assessing the child's self-concept. *Art Psychotherapy*, 6(4), 241–247.

Feher, E., Vandecreek, L., & Teglassi, H. (1983). The problem of art quality in the use of human figure drawing tests. *Journal of Clinical Psychology*, 39(2), 268–275.

Fuks, L. B. (2010). *Narcisismo e vínculos: ensaios reunidos*. Casa do Psicólogo.

Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7a ed.). Atlas.

Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341–348.

Hammer, M., & Kaplan, A. M. (1966). The reliability of children's human figure drawings. *Journal of Clinical Psychology*, 22(3), 370–375.

Hibbard, R. A., & Hartman, G. L. (1990). Emotional indicators in human figure drawings of sexually victimized and nonabused children. *Journal of Clinical Psychology*, 46(2), 211–219.

Hibbard, R. A., Roghmann, K., & Hoekelman, R. A. (1987). Genitalia in children's drawings: An association with sexual abuse. *Pediatrics*, 79(1), 129–137.

Kelley, S. J. (1984). The use of art therapy with sexually abused children. *Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services*, 22(12), 12–18.

- King, G. F., Rabin, A. I., & Hayworth, M. R. (1960). Recent developments in the field of projective drawings. In M. R. Hayworth (Ed.), *Projective techniques with children* (pp. 364–375). Grune & Stratton.
- Koppitz, E. M. (1966). Emotional indicators on human figure drawings of children: A validation study. *Journal of Clinical Psychology*, 22(3), 328–333.
- Koppitz, E. M. (1966). Emotional indicators on human figure drawings of shy and aggressive children. *Journal of Clinical Psychology*, 22(4), 456–460.
- Koppitz, E. M. (1984). *Psychological evaluation of human figure drawings by middle school pupils*. Thomas Allen Publishers.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2020). *Fundamentos de metodologia científica* (8a ed.). Atlas.
- Lingren, R. H. (1971). An attempted replication of emotional indicators in human drawings by shy and aggressive children. *Psychological Reports*, 29(1), 35–38.
- Malgarim, B. G. (2009). *Abuso Sexual: Um trajeto da fantasia ao real* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Neale, E. L., & Rosal, M. L. (1993). What can art therapists learn from the research on projective drawing techniques for children? A review of the literature. *The Arts in Psychotherapy*, 20(1), 37–49.
- Palmer, L., Farrar, A. R., Valle, M., Ghahary, N., Panella, M., & DeGraw, D. (2000). An investigation of the clinical use of the House-Tree-Person projective drawings in the psychological evaluation of child sexual abuse. *Child Maltreatment*, 5(2), 169–175.

- Prado, M. D. C. C. D. A., & Pereira, A. C. C. (2008). Violências sexuais: incesto, estupro e negligência familiar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(2), 277–291.
- Prytula, R. E., & Thompson, N. D. (1973). Analysis of emotional indicators in human figure drawings as related to self-esteem. *Perceptual and Motor Skills*, 37(3), 795–802.
- Rezende, S. J. (2013). As cicatrizes: Impactos na vida adulta do abuso sexual infantil. *Revista Raízes no Direito*, 2(1), 87–100.
- Sidun, N. M., & Rosenthal, R. H. (1987). Graphic indicators of sexual abuse in draw-a-person tests of psychiatrically hospitalized adolescents. *The Arts in Psychotherapy*, 14(3), 221–230.
- Silva, T. M. M. (2021). *Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Silva, M. C., & Cunha, G. R. (2001). Cientificidade dos testes projetivos: um debate necessário. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(2), 195–205.
- Soares, N., & Mello, I. F. de. (2010). Testes psicológicos e técnicas projetivas: questões sobre cientificidade e prática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 364–377. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200008>
- Tirabassi, T. M. O., de Andrade, V. N. G., & Franco, B. F. (2022). O silêncio no abuso sexual infantil e suas consequências. *Psicologias em Movimento*, 2(2), 62–80.
- Van Hutton, V. (1994). *House-Tree-Person and Draw-A-Person as measures of abuse in children: A quantitative scoring system*. Psychological Assessment Resources.
- Walsh, W. B., & Betz, N. E. (1995). *Tests and assessment*. Prentice-Hall, Inc.

Yates, A., Beutler, L. E., & Crago, M. (1985). Drawings by child victims of incest. *Child Abuse & Neglect*, 9(2), 183–189.